

UNIVERSIDADE TUITI DO PARANÁ – UTP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA FORENSE

JOSÉ MAURICIO DE ARAÚJO

A influência da idade na sugestionabilidade das crianças

CURITIBA – PARANÁ

MAIO – 2021

JOSÉ MAURICIO DE ARAÚJO

A influência da idade na sugestionabilidade das crianças

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Área de concentração – Psicologia Forense, para obtenção do título de Mestre.

Orientador Prof. Dr. Rodrigo Fauz Pereira e Silva

CURITIBA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

A658 Araújo, José Mauricio de.

A influência da idade na sugestionabilidade das crianças/
José Mauricio de Araújo; orientador Prof. Dr. Rodrigo Faucz
Pereira e Silva.

59f.

Dissertação em formato de artigo (Mestrado) – Universidade
Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2021.

1. Falsas memórias. 2. Sugestionabilidade. 3. Crianças e
idade. I. Dissertação em formato de artigo (Mestrado) –
Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ Mestrado em
Psicologia. II. Título.

CDD – 614.15

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

Apresentação

A dissertação será apresentada em formato de dois artigos. O artigo 1 “Revisão sistemática sobre a correlação entre a idade e sugestionabilidade de crianças de 2014 a 2019” teve como objetivo apresentar uma revisão sistemática referente à idade das crianças como fator de desempenho na constatação de sugestionabilidade e falsas memórias. Nas consultas realizadas nas bases de dados da PubMed, PsycINFO, Web of Science e Scielo foram identificados 34 artigos após etapas de exclusão e inclusão, publicados no período de 2015-2019, que compararam o desempenho de crianças, o que possibilitou a construção de duas categorias temáticas: aqueles artigos que verificaram a sugestionabilidade e falsas memórias no ambiente forense e na segunda categoria a verificação da memória e sugestão de resposta de maneira geral sem algum ambiente específico.

O artigo 2 “A idade influencia na sugestionabilidade e memória das crianças?” objetivou estudar a influência da idade das crianças como fator de desempenho na constatação de sugestionabilidade. O estudo foi realizado com 152 crianças e adolescentes, sendo que os participantes foram divididos em quatro grupos, com 20 alunos no primeiro grupo (de 6 e 7 anos), 16 alunos no segundo grupo (de 8 e 9 anos de idade), o terceiro grupo de 42 alunos (de 10 e 11 anos) e o último grupo denominado adolescentes, sendo 74 alunos (12 à 15 anos de idade).

Artigo 1

Revisão sistemática sobre a correlação entre a idade e sugestionabilidade de crianças de 2014 a 2019

José Mauricio de Araújo

Resumo

Este artigo objetivou apresentar uma revisão sistemática referente à idade das crianças como fator de desempenho na constatação de sugestionabilidade. Nas consultas realizadas nas bases de dados da PubMed, PsycINFO, Web of Science e Scielo foram identificados 34 artigos após etapas de exclusão e inclusão, publicados no período de 2015-2019, que compararam o desempenho de crianças, o que possibilitou a construção de duas categorias temáticas: aqueles artigos que verificaram a sugestionabilidade e falsas memórias no ambiente forense e na segunda categoria a verificação da memória e sugestão de resposta de maneira geral sem algum ambiente específico. Os resultados apontaram que, dos 34 artigos incluídos na revisão sistemática, 24 (70,58% aproximadamente) deles apresentaram influência da idade no desempenho das crianças e 10 (29,41% aproximadamente) não houve influência da idade.

Palavras-chave: Falsas memórias, Sugestionabilidade, Crianças e Idade.

Abstract

This article aimed to present a systematic review referring to the age of children as a performance factor in finding suggestibility and false memories. In the consultations carried out in the databases of PubMed, PsycINFO, Web of Science and Scielo, 34

articles were identified after exclusion and inclusion steps, published in the period of 2015-2019, which compared the performance of children, which allowed the construction of two thematic categories: those articles that verified the suggestibility and false memories in the forensic environment and in the second category the verification of the memory and suggestion of response in general without any specific environment. The results showed that of the 34 articles included in the systematic review, 24 (70.58% approximately) of them had an influence of age on the children's performance and 10 (29.41% approximately) there was no influence of age.

Keywords: False memories, Suggestibility, Children and Age.

Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura à criança e ao adolescente o direito de participar e de ter sua opinião considerada nos procedimentos que lhe dizem respeito. (art. 16, inciso II e art. 100, inciso XII do Estatuto da Criança e Adolescente).

Mas o atendimento aos casos de medidas específicas de proteção à criança e ao adolescente devem ser realizadas de forma precoce, com intervenção mínima e visando à efetiva promoção dos direitos e proteção da população infanto-juvenil. (art. 100, inciso VI do Estatuto da Criança e Adolescente).

Portanto, há a necessidade de se viabilizar a produção de provas com maior fidedignidade e confiabilidade, sem que a busca pela verdade dos fatos e responsabilização do agressor se sobreponha ao direito da criança e do adolescente de serem preservados de qualquer forma de violência ou opressão, sendo crucial o aperfeiçoamento dos mecanismos de escuta especializada e depoimento especial, a fim de que os atos sejam realizados em condições dignas e adequadas, e por meio de

profissionais capacitados e conscientes do seu papel na diminuição do dano e visando a não revitimização do envolvido. (art. 14, § 1º da Lei nº 13.431/2017)

O art. 7º da Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017, que normatiza e organiza o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, aponta que a Escuta especializada é o procedimento de entrevista sobre situação de violência com criança ou adolescente perante órgão da rede de proteção, já demonstrando que este procedimento deve ser limitado ao relato estritamente necessário para o cumprimento de sua finalidade.

Já o art. 8º da referida lei, dispõe que o Depoimento especial é o procedimento de oitiva de criança ou adolescente vítima ou testemunha de violência perante autoridade policial ou judiciária.

Fica explícita a finalidade da lei em resguardar a vítima, evitando o contato da criança ou adolescente com o suposto autor ou acusado ou com qualquer outra pessoa que possa lhe representar ameaça, coação ou constrangimento, apontando o art. 11 da referida lei, que a colheita do depoimento deve ser realizada uma única vez, em produção antecipada de prova judicial, garantida a ampla defesa, sendo imposto o depoimento especial em produção antecipada de provas em duas situações: (a) criança ou adolescente menor de 7 anos e (b) casos de violência sexual. A aplicação desse rito pressupõe o grau de entendimento e amadurecimento da criança ou do adolescente, levando em consideração a idade e capacidade cognitiva adequadas para cada idade. (art. 14, § 1º, V da Lei nº 13.431/2017).

Nesse ínterim, o estudo da sugestibilidade e indução das respostas das crianças auxiliam os profissionais para ter o devido preparo e entendimento científico sobre a tratativa nos casos de depoimento especial e escuta especializada.

Em um processo judicial em que há a necessidade da oitiva da criança e adolescentes, o parecer realizado pelo psicológico forense ou a percepção do juiz e das partes dependem das respostas que lhe são apresentadas (art. 12, II da Lei nº 13.431/2017). É nesse ambiente que o presente estudo busca contribuir com a verificação da falibilidade de memória e indução de resposta.

Goodman, G. S., e Clarke-Stewart, A. (1991), já apontavam a dificuldade quanto obter um depoimento de crianças, com cuidado de usar perguntas que possam sugestionar as respostas, destacando a conduta do interrogador que pode influenciar em como as crianças interpretam as perguntas ou são direcionadas a algum resultado. Os autores concluem que as crianças mais novas, bem como a repetição de certas frases sugestionáveis, inclusive por outros interrogadores podem influenciar na sugestionabilidade da criança. Além disso, destaca também que a grande demora em obter tal depoimento pode influenciar na sugestão, essa conclusão em específico pode ser devidamente aplicada no ambiente forense brasileiro com a demora recorrente que um processo possui para a escuta das crianças, seja em abuso sexual, seja em outros procedimentos de família que demandam a oitiva da criança.

Apesar de menor número, há estudos no Brasil sobre a sugestionabilidade (e.g., Stein, Pergher, & Feix, 2009; Welter & Feix, 2010; Saraiva & Albuquerque, 2015), que apontam haver diferença entre as idades, principalmente entre as crianças mais novas.

Esse artigo procurou verificar nos estudos mais atuais sobre sugestionabilidade e memória a comparação entre idades de crianças para averiguar o desempenho em respostas, auxiliando esse campo de pesquisa de revisão sistemática sobre o tema.

Método

A presente pesquisa foi embasada no método PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), o qual consiste em um *checklist* de 27 itens e um fluxograma de 04 etapas, sendo elas identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. O objetivo do PRISMA é auxiliar os autores a melhorarem o relato de revisões sistemáticas e meta-análises. A revisão sistemática foi realizada por meio de uma busca na literatura internacional e nacional, indexada nas seguintes bases de dados: PubMed, PsycINFO, Web of Science e Scielo.

Os descritores utilizados foram: *false memories OR* falsas memórias *OR falsos recuerdos OR suggestibility OR* sugestionabilidade *OR sugestionabilidad AND* crianças *OR* infância *OR* infantil *OR children OR child OR niño AND* age *OR* idade *OR* edad, e a busca incluiu artigos publicados no período de 2015 a 2019, sendo a consulta nas bases de dados realizada no mês de outubro de 2019.

Após a coleta das bases indexadas, foram separados em uma planilha os artigos contendo título, autores, ano de publicação, e seu respectivo DOI. Com o levantamento dos títulos, verificou-se os artigos repetidos tanto na mesma base de dados como comparativo entre todas elas.

Com o resultado dos artigos que não são duplicados, passou-se para a leitura dos títulos, havendo a exclusão daqueles que não possuíam pertinência ao objeto do presente artigo de revisão sistemática, sendo os critérios de exclusão: (a) estudos que possuam objeto pessoas com deficiência; (b) estudos empíricos com adultos (c) estudos que avaliem uso de entorpecentes.

Após a exclusão dos artigos repetidos e que não possuíam pertinência a partir dos títulos, passou-se à leitura dos resumos, selecionando os estudos que realizou comparativo entre crianças de diversas idades relacionadas à sua memória e

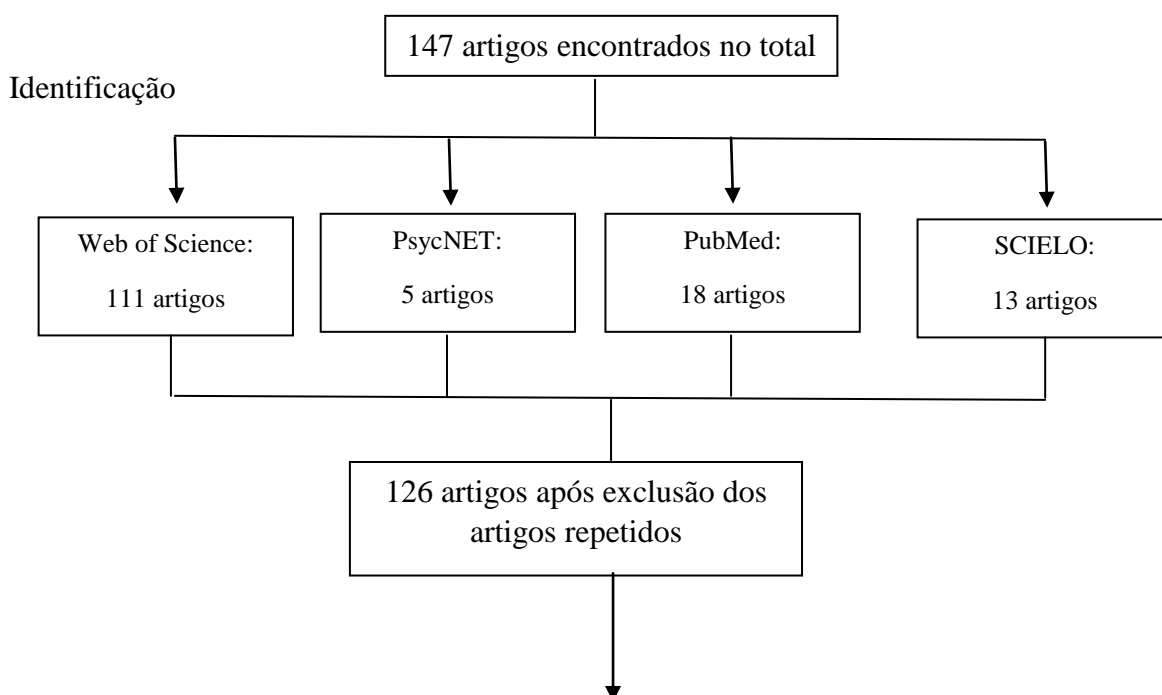
sugestionabilidade. Foram critérios de exclusão nesse momento: (a) artigos que verificaram a percepção de autoridades como advogados, psicólogos, promotores, juízes e sociedade em geral sobre o tema; (b) estudos que comparem crianças à adolescentes; (c) estudos que compararam crianças com adultos; d) estudos que utilizaram como participantes apenas os pais; (d) estudos que não eram empíricos.

Os artigos pré-selecionados e aqueles sobre os quais pairavam dúvidas quanto à inclusão foram selecionados com a leitura integral, incluídos na revisão estudos empíricos que compararam a sugestionabilidade de crianças em diferentes idades.

Após leitura de cada um dos artigos selecionados, em sua versão completa, foi empregada análise temática de conteúdos dos artigos, identificando, por meio da leitura integral, temas predominantes na ligação entre os objetivos, o método, a abordagem ou a técnica estudada e a síntese dos resultados apresentados.

Resultados

Com a busca inicial, houve resultado de 147 artigos nas quatro bases de pesquisa. O fluxograma de busca e seleção, com a distribuição dos artigos encontrados nas diferentes condições estabelecidas como critérios de inclusão e exclusão:



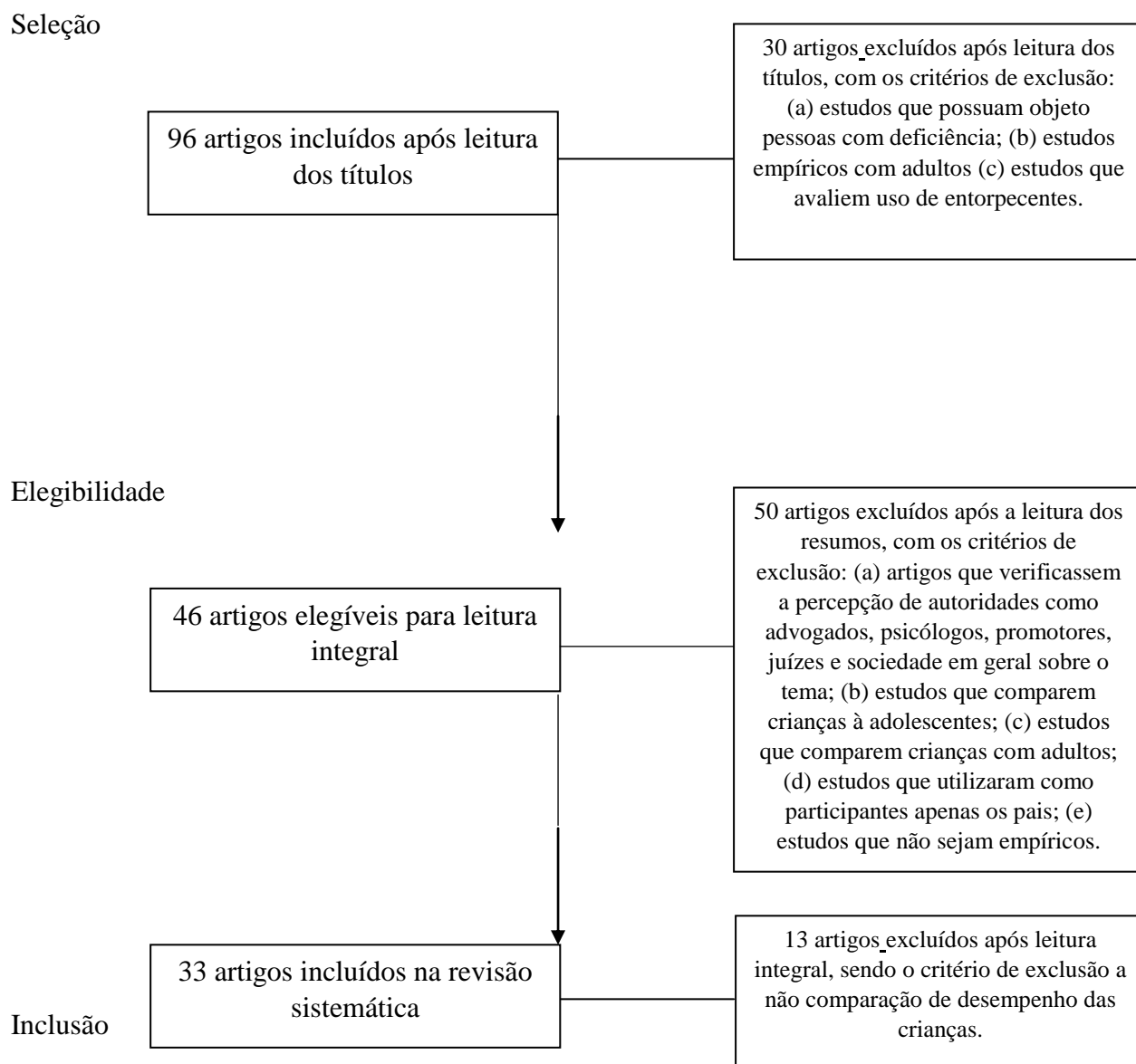


Figura 1. Fluxograma.

Após a leitura dos 46 artigos na sua integralidade, 13 foram excluídos por avaliarem questões como temperamento, ansiedade e similares, não atingindo o objetivo do presente estudo (Tabela 1). No fim, 33 artigos atingiram os critérios de elegibilidade, ao compararem o desempenho de crianças de diferentes idades, verificando se a idade influencia nos resultados que verificam sua memória, indução de respostas e sugestibilidade, sendo separados em dois grupos. O primeiro (Tabela 2) refere-se

aos artigos sobre sugestionabilidade e falsas memórias no ambiente forense e o segundo (Tabela 3) são estudos gerais sobre o assunto, sem verificar itens inerentes correlacionados ao ambiente judicial.

Dos 33 artigos, 24 (72,73% aproximadamente) deles apresentaram influência da idade no desempenho das crianças e 9 (27,27% aproximadamente) não indicaram em seus resultados a correlação da idade com desempenho. Analisando os artigos incluídos, separando-os em estudos empíricos realizados no ambiente forense e no ambiente geral, é possível destacar e descrever os seguintes resultados:

Tabela 1

Ambiente Forense

Título, autores e ano de publicação.	Participantes e idades verificadas	Houve influência da idade
Andrews, S., Lamb, M. & Lyon, T. (2014). Question Types, Responsiveness and Self-contradictions When Prosecutors and Defense Attorneys Question Alleged Victims of Child Sexual Abuse.	N=120/6 à 12 anos	Não
Fogliati, R., & Bussey, K. (2015). The effects of cross-examination on children's coached reports.	N=149/6 e 8 anos	Não
Andrews, S., Lamb, M. & Lyon, T. (2015). The Effects of Question Repetition on Responses When Prosecutors and Defense Attorneys Question Children Alleging Sexual Abuse in Court.	N=120/6 à 12 anos	Não
Volpini, L., Melis, M., Petralia, S., & Rosenberg, M. (2016). Measuring Children's Suggestibility in Forensic Interviews.	N=92/3 à 5 anos	Sim
Andrews, S. & Lamb, M. (2017). The structural linguistic complexity of lawyers' questions and children's responses in Scottish criminal courts.	N=56/5 à 17 anos	Não

Foster, I., Wyman, J., Tong, D., Colwell, K., & Talwar, V. (2019). Does eyewitness and interviewer gender influence children's reports? An experimental analysis of eyewitness and interviewer gender on children's testimony	N=127/6 à 11 anos	Sim
---	-------------------	-----

Tabela 2

Título, autores e ano de publicação.	Participantes e idades verificadas	Houve influência da idade
Mehrani, M. B., e Peterson, C. (2015), Recency Tendency: Responses to Forced Choice Questions.	N=90/3 à 5 anos	Sim
Roberts, K. P., Brubacher, S. P., Drohan Jennings, D., Glisic, U., Powell, M. B., and Friedman, W. J. (2015), Developmental Differences in the Ability to Provide Temporal Information About Repeated Events.	N=372/4 à 8 anos	Sim
Kirk, E., Gurney, D., Edwards, R. e Dodimead, C. (2015). Handmade Memories: The Robustness of the Gestural Misinformation Effect in Children's Eyewitness Interviews.	N=56/2 à 4 e 7 à 9 anos	Não
El Asam, A. e Samara, M. (2015). The Cognitive Interview: Improving Recall and Reducing Misinformation Among Arab Children	N=90/9 à 12 anos	Não
Saraiva, M. & Albuquerque, P. B. (2015). Influência da Idade, Desejabilidade Social e Memória na Sugestionabilidade Infantil.	N=70/5 à 11 anos	Sim
Tempel, T., Frings, C., e Mecklenbräuker, S. (2015). Dual processes of false recognition in kindergarten children and elementary school pupils.	N=72/4 à 11 anos	Sim
Otgaar, H., Howe, M. L., Brackmann, N., & Smeets, T. (2016). The malleability of developmental trends in neutral	N=85/4 à 12 anos	Não

and negative memory illusions.

Gudjonsson, Gisli & Vagni, Monia & Maiorano, Tiziana & Pajardi, Daniela. (2016). Age and memory related changes in children's immediate and delayed suggestibility using the Gudjonsson Suggestibility Scale.	N=1183/7 à 16 anos	Sim
Paz-Alonso, P., & Goodman, G. (2016). Developmental Differences across Middle Childhood in Memory and Suggestibility for Negative and Positive Events: Memory and suggestibility in middle childhood.	N=227/8 à 12 anos	Sim
Hubbard, K., Saykaly, C., Lee, K., Lindsay, R. & Talwar, V. (2016). Children's Recall Accuracy for Repeated Events over Multiple Interviews: Comparing Information Types.	N=87/4 à 10 anos	Sim
Brackmann, N., Otgaar, H., Sauerland, M., and Howe, M. L. (2016) The Impact of Testing on the Formation of Children's and Adults' False Memories.	N=169/7 à 15 anos	Não
Cleveland, K.C., Quas, J.A., & Lyon, T.D. (2016). Valence, Implicated Actor, and Children's Acquiescence to False Suggestions.	N=124/3 à 8 anos	Sim
Sun, S., Greenhoot, A. F., and Kelton, R. (2016) When Parents Know Little about What Happened: Parent- guided Conversations, Stress, and Young Children's Eyewitness Memory.	N=43/4 à 7 anos	Sim
Cordon, I.M., Silberkleit, G., & Goodman, G.S. (2016). Getting to Know You: Familiarity, Stereotypes, and Children's Eyewitness Memory.	N=145/4 à 5 e 7 à 9 anos	Sim
Caprin, C., Benedan, L., Ciaccia, D., Eleonora Mazza, Sara Messineo & Elisa Piuri (2016) True and false memories in middle childhood: the relationship with cognitive functioning	N=372/6 à 11 anos	Sim
Bruer, K. C., Price, H. L., and Phenix, T. L. (2016) The 'Magical' Effect of Integration on Event Memory.	N=117/7 à 12 anos	Sim

Otgaar, H., Howe, M., Brackmann, N., & van Helvoort, D. (2017). Eliminating Age Differences in Children's and Adults' Suggestibility and Memory Conformity Effects.	N=60/7 à 12 anos	Não
Mehrani, M., & Peterson, C. (2016). Interviewing Preschoolers: Response Biases to Yes–No Questions.	N=177/2 à 6 anos	Sim
Kim, I., K., Kwon, E. S., and Ceci, S. J. (2017) Developmental Reversals in Report Conformity: Psycho Legal Implications.	N=40/4 à 7 anos	Sim
Carol, R.N. and Compo, N.S. (2017), Other People: A child's age predicts a source's effect on memory.	N=110/7 à 18 anos	Sim
Melinder, A., Toffalini, E., Geccherle, E., & Cornoldi, C. (2017) Positive events protect children from causal false memories for scripted events	N=132/6 à 12 anos	Sim
Moore, K.N., Lampinen, J.M., Gallo, D.A., Adams, E.J. and Bridges, A.J. (2018), Children's Use of Memory Editing Strategies to Reject Source Misinformation.	N=108/7 e 9 anos	Sim
Behzadnia, A. & Mehrani, M. B., (2018) Young children's yes bias in response to tag questions.	N=137/3 à 6 anos	Sim
Chae, Y., Goodman, M., Goodman, G., Troxel, N., McWilliams, K., Thompson, R., Shaver, P., & Widaman, K. (2017). How children remember the Strange Situation: The role of attachment.	N=88/3 à 5 anos	Sim
Nida, R. E. (2018). Eyewitness Memory in African American Children From Low-Income Families.	N=33/3 à 5 anos	Sim
Benedan, L., Powell, M., Zajac, R., Lum, J., & Snow, P. (2018). Suggestibility in neglected children: The influence of intelligence, language, and social skills.	N=150/5 à 12 anos	Sim
Kask, K., Ventsel, R.-H., Toomela, A. (2019). The relationship between the development of conceptual thinking and children's responses to different question types.	N=60/7, 10 e 13 anos	Sim

Ambiente Forense

Andrews, Lamb e Lyon (2014) ao examinar 120 transcrições de processos envolvendo crianças de 6 a 12 anos que testemunharam abuso sexual, avaliando a idade das crianças e a atuação dos advogados e promotores, verificando os tipos de perguntas, capacidade de resposta das crianças e frequência de autocontradição, constaram que a idade não influenciou significativamente desempenho. Posteriormente os mesmos autores Andrews, Lamb e Lyon (2015), usando as mesmas transcrições de processos, mas para avaliar se a repetição das perguntas influência nas respostas, também se constatou que a idade das crianças não afetou no desempenho.

Andrews e Lamb (2017), ao verificar a complexidade linguística estrutural das perguntas dos advogados e as respostas das crianças nos tribunais criminais escoceses, constataram em consonância com as pesquisas anteriores, não haver diferenças nas respostas em diferentes idades, sugerindo que todas as idades são notavelmente responsivas e consistentes diante de um questionamento desafiador.

Fogliati e Bussey (2015) ao verificar se crianças podem ser induzidas para apresentar falsas respostas, fizeram um estudo com 149 crianças, separando-as em três grupos, um treinado para negar, outro para confirmar e um sem qualquer treinamento para responder um questionário sobre o uma pequena transgressão realizada pelo pesquisador. As crianças mais velhas (idade média de oito anos e dez meses) apesar de serem mais precisas do que as mais novas (crianças com média de seis anos), não tiveram desempenho diferente, apresentando resultados bem próximos quanto ao induzimento.

Foster, Wyman, Tong, Colwell, & Talwar (2019) ao avaliar 127 crianças de 6 a 11 anos para verificar a capacidade de negar ou acusar falsamente o autor de um furto realizado pelo entrevistador de maneira manipulada, apontou no geral, que a idade

influenciou nos relatos falsos, bem como na duração e consistência de seu testemunho. As crianças foram significativamente menos propensas a fazer um falso relato à medida que envelhecem, sendo que independentemente se fosse para acusar ou negar, as crianças divulgavam antecipadamente sobre o roubo antes de serem perguntadas diretamente. Da mesma forma, Volpini, Melis, Petralia, & Rosenberg (2016) ao aplicar o Bonn Test of Statement Suggestibility (BTSS) em 92 crianças de 3 a 5 anos de idade nas entrevistas forenses, verificaram que quanto mais jovens, as crianças são mais sugestionáveis que as mais velhas.

Ambiente Geral

El Asam e Samara (2015) ao analisar o desempenho de 80 crianças com idade entre 9 a 12 anos, utilizando a entrevista cognitiva em comparação a uma entrevista controle, verificaram que as crianças mais velhas relataram detalhes mais corretos, além de serem mais precisas. As crianças mais jovens mostraram mais detalhes incorretos (principalmente detalhes pessoais), no entanto, nenhuma diferença foi encontrada na desinformação e confabulação, apontando que as crianças mais novas não foram mais sugestivas ou propensas às tentativas de desinformação.

Kirk, Gurney, Edwards e Dodimead (2015) ao verificar se os gestos de um entrevistador podem transmitir informações enganosas e subsequentemente causar imprecisões na notificação de um evento, investigaram o efeito da desinformação gestual, examinando até que ponto uma os gestos do entrevistador, sendo apresentadas a um vídeo e logo após interrogadas com e sem gestos do investigador. Os resultados apontaram que não houve efeitos principais significativos da idade; as crianças mais novas não eram mais vulneráveis à influência não verbal do que as crianças mais velhas,

contudo as crianças mais novas apresentaram informações adicionais que não foram perguntadas.

Mehrani e Peterson (2015) realizaram dois experimentos em que crianças de 3 a 5 anos de idade receberam uma curta animação e, em seguida, responderam um conjunto de perguntas de duas opções, com indução para responder de uma determinada maneira. Os resultados sugerem que a escolha forçada das perguntas carrega alguma carga de sugestão e podem influenciar as respostas das crianças. No geral verificou-se que as respostas das crianças mais novas foram influenciadas pela maneira como as perguntas são formuladas e pela maneira que as perguntas são arranjadas.

Roberts, Brubacher, Drohan-Jennings, Glisic, Powell & Friedman (2015) ao avaliar 372 crianças de 4 a 8 anos, dividiram-nas em dois grupos, sendo um grupo que participou apenas de uma ocorrência e o outro grupo com participação em quatro ocorrências de um evento semelhante, sendo ambos os grupos entrevistados 1 semana depois. As crianças com experiência em quatro ocorrências repetidas foram as que fizeram perguntas adicionais e apresentaram claras diferenças de desempenho. Com relação à idade, as crianças mais velhas eram mais capazes que as mais jovens para julgarem a ordem relativa e a posição temporal das ocorrências. As crianças mais velhas também demonstraram uma melhora temporal na memória da primeira e da última ocorrência, demonstrando melhor capacidade de memória.

De maneira similar Hubbard, Saykaly, Lee, Lindsay, Bala & Talwar (2016), realizaram uma análise da precisão da recordação de crianças em um evento repetido em várias entrevistas. Os participantes realizaram três sessões de brincadeiras e foram interrogados em três entrevistas separadas uma semana depois. A amostra incluiu 87 crianças entre 4 e 10 anos de idade. Os autores observaram um resultado diferente de desenvolvimento, de modo que as crianças recordaram com mais precisão com o

aumento da idade. As crianças mais velhas foram mais precisas na sua lembrança do que as crianças mais jovens.

Saraiva e Albuquerque (2015) defendem que a sugestionabilidade infantil é influenciada pela capacidade de memória, idade ou desejabilidade social, a partir do estudo que teve como objetivo estudar estes fatores em três grupos de crianças com idades de 5/6 anos, 8/9 anos e 10/11 anos, aplicando uma escala de avaliação da sugestionabilidade infantil baseada na Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson , com avaliação do grau em que a criança responde a questões ou ações de forma conveniente com o que se espera dela ou do que ela julga ser mais aceitável pelos outros. Os pesquisadores, concluíram que as crianças mais novas foram as mais sugestionáveis, fenômeno que parece estar associado ao elevado grau de desejabilidade social das suas respostas. Relativamente à memória fonológica, verificou-se que a sua menor amplitude esteve também relacionada com maior sugestionabilidade infantil.

Paz-Alonso e Goodman (2016), ao verificar a influência de eventos negativos e positivos que as crianças experimentam durante a infância. Na primeira parte do estudo examinaram 216 avaliações feitas por crianças de 8 a 12 anos da frequência e intensidade das experiências pessoais negativas e positivas. Com base nessas avaliações, foram desenvolvidos vídeos que descrevem os eventos mais frequentes e intensos negativos (um acidente) e positivos (uma excursão em família). Na segunda parte com uma nova amostra de 227 crianças com idades entre 8 e 12 anos foi testada para reconhecimento de memória a partir de vídeos usando o procedimento de desinformação pós-evento de três estágios. Em comparação com crianças de 8 a 9 anos, crianças de 10 a 12 anos exibiram menos maleabilidade de memória e menos adesão a informações falsas. Assim, usando eventos emocionais ecologicamente representativos,

surgiram diferenças de idade em sugestionabilidade e precisão de memória, especialmente para eventos negativos nas crianças mais novas.

Brackmann, Otgaar, Sauerland, Howe, (2016), partindo de um pressuposto de que testemunhas podem ser questionadas imediatamente após um crime, sendo que os efeitos de tais colheitas de depoimentos logo após o fato podem influenciar nos relatos, realizaram um estudo em que foram participantes crianças de 7/8, 11/12, 14/15 anos e adultos (N = 220) que assistiram a um filme sobre um roubo e foram perguntados imediatamente com questões específicas ou de itens específicos, com indução nas perguntas. Os resultados dos testes no dia seguinte apontaram que em todas as idades foram sugestionadas, sem distinção significativa das idades quanto ao desempenho.

Cleveland, Quas e Lyon (2016) realizaram estudo, com 124 crianças de 3 a 8 anos, que participaram de uma atividade em sala de aula e posteriormente foram questionadas sobre o que havia sido realizado. O entrevistador forneceu reforço positivo quando as crianças concordaram com sugestões e *feedback* negativo quando não o fizeram. Após o reforço ou *feedback*, as crianças mais novas apresentaram desempenho semelhante para detalhes positivos e negativos. Com o avançar da idade, houve maior resistência a sugestionabilidade, sendo que as crianças mais velhas necessitavam de mais *feedback* negativo para induzimento nas respostas.

Córdon, Silberkleit e Goodman (2016) analisaram como o conhecimento a partir de uma interação pessoal, construindo uma familiaridade sobre uma determinada pessoa pode influenciar a memória e sugestionabilidade das crianças comparado percepção quanto a pessoas que são estereotipadas. Os resultados do estudo realizado comparando o mesmo evento sido realizado por pessoas que tiveram familiaridades em contraposição àquelas estereotipadas, apontaram que as crianças mais velhas forneceram uma quantidade mais alta de informações ao mesmo tempo em que

apresentaram um número menor de informações incorretas em comparação com as crianças mais jovens. Em resposta a perguntas fechadas em geral, bem como especificamente a questões fechadas relacionadas aos estereótipos verificados, as crianças mais velhas cometeram uma proporção menor de erros do que as crianças mais novas.

Otgaar, Howe, Brackmann e Smeets (2016) verificaram a partir de quatro experimentos diferentes de com inclusão de informações incorretas, que as crianças nem sempre são as mais suscetíveis à indução de respostas. De acordo com os autores, mostram que a precisão da memória de crianças mais novas não é necessariamente inferior à dos adultos ou crianças mais velhas na aplicação. Com conclusão semelhante, Otgaar, Howe, Brackmann e Helvoort (2017) examinaram se o desempenho de respostas em apresentar eventos e figuras com posterior questionário induzido diminuiriam os erros com o avançar da idade. Tanto entre as Crianças como também em adultos eram igualmente suscetíveis a o efeito de desinformação, apontando que a precisão da memória de crianças mais novas não é necessariamente inferior à dos adultos ou crianças mais velhas.

Sun, Greenhoot e Kelton (2016) examinaram o desempenho das memórias de crianças entre 4 a 7 anos de idade, usando um estressor, com influência de conversas com um pai que tinha pouco conhecimento do evento alvo, avaliando também o estresse das crianças antes, durante e após o evento. Foram 43 crianças que assistiram ao trecho de desenho animado em que uma mulher forçava uma garotinha a entrar em uma caverna escura, antes de falar sobre o ocorrido com os pais. Os pais foram convidados a se concentrar nos sentimentos das crianças ou no conteúdo do vídeo em si. Posteriormente as crianças foram entrevistadas para verificar sua memória. As crianças recordaram informações mais imprecisas com os pais do que com o entrevistador. As

crianças mais novas e aquelas que não tiveram o acompanhamento dos pais quanto aos seus sentimentos apresentaram um pior desempenho da memória.

Tempel, Frings e Mecklenbräuker (2015) realizaram o experimento que consistia em avaliar no teste de memória com ou sem pressão do tempo, também foi verificado a frequência de apresentação da lista, como resultado houve a constatação que apresentar o mesmo conjunto de perguntas três vezes em comparação com apenas uma vez aumentou o número de respostas incorretas nas crianças, sendo que em um ambiente com pressão de tempo para resposta as crianças mais novas apresentaram um número maior de erros nas respostas em comparação às crianças mais velhas.

Mehrani e Peterson (2016) examinaram a influência do formato das perguntas e da idade nas respostas das crianças a vários tipos de perguntas com respostas apenas como sim e não, para avaliar possíveis vieses de resposta. Os participantes foram 177 crianças de 2 a 6 anos de idade, com perguntas formuladas sobre oito objetos domésticos. Os resultados mostraram que crianças de diferentes idades são influenciadas de maneira diferente pela maneira como as perguntas são formuladas. Os resultados também sugerem que as crianças mostram uma tendência a responder a perguntas sim - não na direção implícita na pergunta: "sim" para perguntas com palavras positivas e "não" para perguntas com palavras negativas. Essa tendência, no entanto, aparentou ficar mais fraco à medida que a idade das crianças aumentam.

De maneira semelhante, Behzadnia e Mehrani (2017) examinaram se as crianças pequenas mostram algum viés em resposta a perguntas curtas com indução na resposta, tendenciado para responder como sim. Os resultados do estudo mostraram que as crianças exibem um forte viés em resposta a perguntas curtas, no entanto, o viés das crianças diminuiu com o aumento da idade. Além disso, o viés das crianças era mais pronunciado ao responder perguntas sobre objetos familiares. Os resultados de acordo

com os autores sugerem que as perguntas curtas e diretas carregam carga sugestiva e podem influenciar nas respostas das crianças, especialmente as mais jovens.

Carol e Compo (2015) verificaram a técnica de entrevista de crianças chamada de *Outras Pessoas*, isto é, mencionar as alegadas declarações de outras testemunhas quando entrevistar uma criança. Assim, os pesquisadores procuraram examinar como a fonte de informações afeta as respostas das crianças em função da idade (7 a 18). Os resultados indicaram que uma declaração era originada de uma fonte adulta era mais prejudicial para a precisão do que uma fonte da sua idade ou ainda sem menção de idade, mas esse efeito prejudicial diminuiu conforme a idade das testemunhas aumentou. Os dados de monitoramento de origem espelhavam esse padrão: à medida que a idade aumentava, atribuíram fontes precisas às informações atribuídas a um adulto.

Caprin, Benedan, Ciaccia, Mazza, Messineo e Piuri (2016), investigaram se a idade resultou como fator na indução de respostas. Participaram 372 crianças (de 6 a 11 anos) divididos em duas faixas etárias. Depois de ouvir uma história, as crianças forneceram uma recordação livre e seus relatos foram verificados. Então as crianças foram repetidamente induzidas em suas respostas. Os resultados apontaram que tanto na recordação livre como na sugestibilidade interrogativa as crianças mais velhas tiveram desempenho superior, sendo menos sugestionáveis que as crianças mais novas.

Kask, Ventsel e Toomela (2019) realizaram um estudo com 60 crianças em grupos de 7, 10 e 13 anos participaram de um experimento em que assistiram a um videoclipe curto sobre um homem entregando um sorvete para uma criança e, uma semana depois, foram entrevistados sobre o evento. As crianças mais velhas lembraram mais detalhes precisos em resposta à recordação livre do que as crianças mais novas.

Com o avançar da idade as crianças possuem maior compreensão dos significados das palavras, possuindo um desenvolvimento do pensamento conceitual mais avançado.

Benedana, Powell, Zajacc, Lumd e Snowe (2018) compararam o desempenho de respostas de crianças consideradas negligenciadas, sendo essas consideradas como aquelas que foram negligenciadas por seus pais biológicos e estavam em programas de acolhimento na Austrália como abrigos ou famílias acolhedoras, para verificar o desempenho em comparação a crianças consideradas não negligenciadas ao aplicara o GSS-2 (escala de sugestionabilidade de Gudjonsson). Em ambos os grupos as crianças mais velhas apresentaram melhor desempenho de recordação livre do que as crianças mais novas, e com relação à sugestionabilidade as crianças mais novas foram mais sugestionáveis que as crianças mais velhas.

Bruer, Price e Phenix (2016) ao verificar a memória de crianças a partir de uma exposição de um show de mágica, com perguntas induzidas sobre o visualizado, verificaram que crianças mais velhas foram as mais induzidas. Esse resultado, de acordo com os autores é de que as crianças mais novas relatam menos informações do que crianças mais velhas ao responder a esses tipos de solicitações induzidas, limitando a quantidade de informações incorretas apresentadas.

Chae, Goodman, Troxel, McWilliams, Thompson, Shaver e Widaman (2018) realizaram um estudo que testou previsões da teoria de apego de Bowlby sobre a memória e sugestionabilidade das crianças. Os participantes consistiram em 88 crianças de 3 a 5 anos, que em conjunto com seus pais, participaram no Procedimento de Situação Estranha, um evento moderadamente angustiante para avaliar a qualidade do apego das crianças. As crianças foram então entrevistadas sobre o que ocorreu durante o evento. Os resultados apontaram que no geral as crianças mais velhas apresentaram melhor memória e redução da sugestionabilidade, o que de acordo com os autores é

relacionado com as habilidades das crianças para produzir relatos de eventos anteriores e resistir a sugestões, sendo indicado como consequência do desenvolvimento de várias habilidades cognitivas e sociais. Contudo, cumpre destacar que para as crianças que apresentaram maior sensibilidade para angústia durante o procedimento, os resultados em todas as idades foram equivalentes.

Kim, Kwon e Ceci (2017) ao realizar um estudo apresentando uma imagem em uma televisão por vinte segundos, onde lhe eram concedidos óculos que transformavam a imagem sem sua ciência em um primeiro momento, e depois de três dias lhe era perguntado novamente, mas para uma quantidade de crianças era informado que os óculos distorciam a imagem e que havia possivelmente objetos que ela não havia descrito, era perguntado novamente para os participantes o que eles haviam visualizado. Os resultados apontaram que nas respostas incorretas das crianças foi verificado que a maioria das respostas com informações que não ocorreram foram feitas por crianças mais jovens (4-5 anos), demonstrando que com o avançar da idade entre as crianças, aumenta o desempenho o que influi na capacidade de apresentar menores informações incorretas.

Melinder, Toffalinib, Geccherlea e Cornoldib (2017) realizaram estudo para verificar se a emoção influencia no desempenho de falsas memórias, para tal, examinaram em uma amostra de 132 crianças de 6 a 12 anos, em que os participantes codificaram fotografias representando seis eventos do tipo script que tiveram um final vário positivo, negativo ou neutro. Posteriormente, as falsas e verdadeiras memórias foram verificadas em função da emoção. Com relação à idade, separando os participantes em três faixas etárias, 6 a 7 anos ($n = 37$), 8 a 9 anos ($n = 39$) e 10 a 12 anos ($n = 55$) apresentaram os seguintes resultados: em relação aos erros causais e de preenchimento de lacunas, não houve diferença da idade. Já com relação às pontuações

de acertos, houve um aumento significativo de 6 a 7 para 8 a 9 anos de idade, mas não um aumento adicional de 8 a 9 para 10 a 12 anos de idade. Os autores apontam tais diferenças para a diferença de desenvolvimento entre as idades.

Ou seja, com essas pesquisas abordadas é possível sintetizar que há uma predominância nos resultados que apontaram que as crianças mais novas podem ser mais induzidas em suas respostas. Obviamente, todos os estudos, retirando aqueles de análise de processos ou estudos de caso, possuem a limitação da transposição de experimentos em ambientes controlados com estressores baixos para a realidade forense, o que pode refletir nos resultados. Além disso, há limitações também quanto aos fatores que levaram a tais resultados, sendo limitante por enquanto, a predominância da verificação do desenvolvimento cognitivo ou não para obter os dados.

Conclusão

Na presente revisão sistemática apontou-se como resultado com a verificação da maioria dos artigos empíricos que verificaram a sugestionabilidade ou indução de respostas de crianças que houve diferenças do desempenho com a idade, que pode ser explicada de inúmeras formas, como desenvolvimento cognitivo, escolaridade e pressão social.

Os estudos aqui abordados apontam em suas conclusões que tais efeitos podem ser afastados com o devido procedimento, utilizando protocolos adequados com o devido *rapport* e atenção às peculiaridades de cada idade que foram submetidas à oitiva, e destacam ainda a importância da autoconsciência dos profissionais que obterão os depoimentos das crianças e adolescentes, pois são peças cruciais em um processo judicial. Mas para a eficácia em suas oitivas é necessário a capacitação dos profissionais

e o uso de instrumentos e procedimentos adequados que atentem para particularidade de cada idade a ser questionada.

Outro cuidado importante refere-se ao tempo para tomada do depoimento que pode influenciar na memória e percepção de um fato ocorrido, bem como a linguagem e sua adaptação para determinada faixa etária. Ou seja, é necessário um ambiente célere, sendo realizado por profissional capacitado autoconsciente de seu papel com atenção as peculiaridades das idades e cooperação de todos operadores jurídicos.

Como limitação e inclusive sugestão para estudos futuros verifica-se que seria necessária a ampliação do período selecionado para verificar os estudos experimentais. Além disso, delimitação de trabalhos que tiveram como escopo o ambiente forense para que sua aplicabilidade possa ser desenvolvida.

Referências

- Andrews, S. & Lamb, M. (2017). The structural linguistic complexity of lawyers' questions and children's responses in Scottish criminal courts. *Child abuse & neglect*. 65. 182-193. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.01.022.
- Andrews, S., Lamb, M. & Lyon, T. (2014). Question Types, Responsiveness and Self-contradictions When Prosecutors and Defense Attorneys Question Alleged Victims of Child Sexual Abuse. *Applied Cognitive Psychology*. 29. doi: 10.1002/acp.3103.
- Andrews, S., Lamb, M. & Lyon, T. (2015). The Effects of Question Repetition on Responses When Prosecutors and Defense Attorneys Question Children Alleging Sexual Abuse in Court. *Law and human behavior*. doi: 39. 10.1037/lhb0000152.
- Behzadnia, A. & Mehrani, M. B., (2018) Young children's yes bias in response to tag questions, *Early Child Development and Care*, 188:12, 1665-1674, doi: 10.1080/03004430.2016.1278216.
- Benedan, L., Powell, M., Zajac, R., Lum, J., & Snow, P. (2018). Suggestibility in neglected children: The influence of intelligence, language, and social skills. *Child abuse & neglect*. 79. 51-60. doi: 10.1016/j.chiabu.2018.01.005.
- Brackmann, N., Otgaar, H., Sauerland, M., and Howe, M. L. (2016) The Impact of Testing on the Formation of Children's and Adults' False Memories. *Appl. Cognit. Psychol.*, 30: 785– 794. doi: 10.1002/acp.3254.
- Bruer, K. C., Price, H. L., and Phenix, T. L. (2016) The 'Magical' Effect of Integration on Event Memory. *Appl. Cognit. Psychol.*, 30: 591– 599. doi: 10.1002/acp.3232.

- Caprin, C., Benedan, L., Ciaccia, D., Eleonora Mazza, Sara Messineo & Elisa Piuri (2016) True and false memories in middle childhood: the relationship with cognitive functioning, *Psychology, Crime & Law*, 22:5, 473-494, doi: 10.1080/1068316X.2016.1168420.
- Carol, R.N. and Compo, N.S. (2017), Other People: A child's age predicts a source's effect on memory. *Leg Crim Psychol*, 22: 74-87. doi:10.1111/lcrp.12078.
- Chae, Y., Goodman, M., Goodman, G., Troxel, N., McWilliams, K., Thompson, R., Shaver, P., & Widaman, K. (2017). How children remember the Strange Situation: The role of attachment. *Journal of experimental child psychology*. 166. 360-379. doi: 10.1016/j.jecp.2017.09.001.
- Cleveland, K.C., Quas, J.A., & Lyon, T.D. (2016). Valence, Implicated Actor, and Children's Acquiescence to False Suggestions. *Journal of applied developmental psychology*, 43, 1-7. doi: 10.1016/j.appdev.2015.12.003.
- Cordon, I.M., Silberkleit, G., & Goodman, G.S. (2016). Getting to Know You: Familiarity, Stereotypes, and Children's Eyewitness Memory. *Behavioral sciences & the law*, 34 1, 74-94. doi: 10.1002/bsl.2233.
- El Asam, A. e Samara, M. (2015). The Cognitive Interview: Improving Recall and Reducing Misinformation Among Arab Children, *Journal of Forensic Psychology Practice*, 15:5, 449-477, doi: 10.1080/15228932.2015.1099350.
- Fogliati, R., & Bussey, K. (2015). The effects of cross-examination on children's coached reports. *Psychology, Public Policy, and Law*, 21(1), 10-23. doi: 10.1037/law0000036

- Foster, I., Wyman, J., Tong, D., Colwell, K., & Talwar, V. (2019). Does eyewitness and interviewer gender influence children's reports? An experimental analysis of eyewitness and interviewer gender on children's testimony, *Psychiatry, Psychology and Law*, 26:4, 499-519, doi: 10.1080/13218719.2018.1507844.
- Goodman, G. S., & Clarke-Stewart, A. (1991). Suggestibility in children's testimony: Implications for sexual abuse investigations. In J. Doris (Ed.), *The suggestibility of children's recollections* (p. 92–105). American Psychological Association, doi: 10.1037/10097-006
- Gudjonsson, Gisli & Vagni, Monia & Maiorano, Tiziana & Pajardi, Daniela. (2016). Age and memory related changes in children's immediate and delayed suggestibility using the Gudjonsson Suggestibility Scale. *Personality and Individual Differences*. 102. 25-29. doi: 10.1016/j.paid.2016.06.029.
- Hubbard, K., Saykaly, C., Lee, K., Lindsay, R. & Talwar, V. (2016). Children's Recall Accuracy for Repeated Events over Multiple Interviews: Comparing Information Types. *Psychiatry, Psychology and Law*. 1-14. doi: 10.1080/13218719.2016.1256015.
- Kask, K., Ventsel, R.-H., Toomela, A. (2019). The relationship between the development of conceptual thinking and children's responses to different question types. *Nordic Psychology*, 71 (4), 235–248. doi: 10.1080/19012276.2019.1586572.
- Kim, I. K., Kwon, E. S., and Ceci, S. J. (2017) Developmental Reversals in Report Conformity: Psycho Legal Implications. *Appl. Cognit. Psychol.*, 31: 128– 138. doi: 10.1002/acp.3309.

- Kirk, E., Gurney, D., Edwards, R. e Dodimead, C. (2015). Handmade Memories: The Robustness of the Gestural Misinformation Effect in Children's Eyewitness Interviews. *Journal of Nonverbal Behavior*. doi: 10.1007/s10919-015-0210-z.
- Mehrani, M. B., e Peterson, C. (2015), Recency Tendency: Responses to Forced Choice Questions. *Appl. Cognit. Psychol.*, 29, 418– 424. doi: 10.1002/acp.3119.
- Mehrani, M., & Peterson, C. (2016). Interviewing Preschoolers: Response Biases to Yes–No Questions. *Applied Cognitive Psychology*. 31. doi: 10.1002/acp.3305.
- Melinder, A., Toffalini, E., Geccherle, E., & Cornoldi, C. (2017) Positive events protect children from causal false memories for scripted events, *Memory*, 25:10, 1366-1374, doi: 10.1080/09658211.2017.1306080
- Moore, K.N., Lampinen, J.M., Gallo, D.A., Adams, E.J. and Bridges, A.J. (2018), Children's Use of Memory Editing Strategies to Reject Source Misinformation. *Child Dev*, 89: 219-234. doi:10.1111/cdev.12716.
- Nida, R. E. (2018) "Eyewitness Memory in African American Children From Low-Income Families," *Merrill-Palmer Quarterly*: Vol. 64: Iss. 4, Article 3. doi: 10.13110/merrpalmquar1982.64.4.0483.
- Otgaar, H., Howe, M. L., Brackmann, N., & Smeets, T. (2016). The malleability of developmental trends in neutral and negative memory illusions. *Journal of Experimental Psychology: General*, 145(1), 31-55. doi: 10.1037/xge0000127.
- Otgaar, H., Howe, M., Brackmann, N., & van Helvoort, D. (2017). Eliminating Age Differences in Children's and Adults' Suggestibility and Memory Conformity Effects. *Developmental psychology*. 53. doi: 10.1037/dev0000298.

- Paz-Alonso, P., & Goodman, G. (2016). Developmental Differences across Middle Childhood in Memory and Suggestibility for Negative and Positive Events: Memory and suggestibility in middle childhood. *Behavioral Sciences & the Law*, 34, 30-54. doi: 10.1002/bsl.2239.
- Price, H., e Phenix, T. (2015). True (but not false) memories are subject to retrieval-induced forgetting in children. *Journal of Experimental Child Psychology*, 133C. doi: 10.1016/j.jecp.2015.01.009.
- Roberts, K. P., Brubacher, S. P., Drohan- Jennings, D., Glisic, U., Powell, M. B., and Friedman, W. J. (2015), Developmental Differences in the Ability to Provide Temporal Information About Repeated Events. *Appl. Cognit. Psychol.*, 29, 407–417. doi: 10.1002/acp.3118.
- Saraiva, M. & Albuquerque, P. B. (2015). Influência da Idade, Desejabilidade Social e Memória na Sugestionabilidade Infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 356-364. doi: 10.1590/1678-7153.201528216.
- Sun, S., Greenhoot, A. F., and Kelton, R. (2016) When Parents Know Little about What Happened: Parent- guided Conversations, Stress, and Young Children's Eyewitness Memory. *Behav. Sci. Law*, 34: 10– 29. doi: 10.1002/bsl.2231.
- Tempel, T., Frings, C., e Mecklenbräuker, S. (2015). Dual processes of false recognition in kindergarten children and elementary school pupils. *Journal of experimental child psychology*, 138, 135-42. doi: 10.1016/j.jecp.2015.05.004.
- Volpini, L., Melis, M., Petralia, S., & Rosenberg, M. (2016). Measuring Children's Suggestibility in Forensic Interviews. *Journal of Forensic Sciences*. doi: 61. 104-108. 10.1111/1556-4029.12987.

Artigo 2

A idade influencia na sugestionabilidade e memória das crianças e adolescentes?

José Mauricio de Araújo

Resumo

Este artigo objetivou estudar a influência da idade das crianças como fator de desempenho na sugestionabilidade das respostas. O estudo foi realizado com 152 crianças e adolescentes, sendo que os participantes foram divididos em quatro grupos, com 20 alunos de 6 e 7 anos, 16 alunos de 8 e 9 anos de idade, 42 alunos de 10 e 11 anos e o último grupo formado por 74 alunos de 12 à 15 anos de idade. Separando os grupos em crianças e adolescentes, metade dos alunos de cada grupo respondeu um questionário com 5 perguntas com perguntas amplas e sem informações erradas e outra metade respondeu outro questionário com 5 perguntas com indução, fazendo falsas afirmações de eventos que os participantes não visualizaram. Além das perguntas objetivas sobre o vídeo de desenho animado visualizado, foi questionada também a certeza das respostas, elencando de 1 a 5. Os resultados apontaram que as crianças foram mais sugestionadas que os adolescentes, havendo menor sugestionabilidade com avançar da idade.

Palavras-chave: Sugestionabilidade, Crianças e Idade.

Abstract

This article aimed to study the influence of children's age as a performance factor in finding suggestibility. The study was carried out with 152 children and adolescents, and the participants were divided into four groups, with 20 students in the first group (aged

6 and 7), 16 students in the second group (aged 8 and 9), the third group of 42 students (10 and 11 years old) and the last group called teenagers, 74 students (12 to 15 years old). Separating the groups into children and adolescents, there is the group of children, with 78 students aged 6 to 11 years and of the adolescents being 74 students (12 to 15 years old), half of the students in each group answered a questionnaire with 5 questions with broad questions and without wrong information and the other half answered another questionnaire with 5 suggested questions inducing what the participants viewed. In addition to the objective questions about what was viewed, the certainty of the answers was also questioned, listing from 1 to 5. The results showed that children were more suggestive than adolescents, with less suggestibility with advancing age.

Keywords: Suggestibility, Children and Age.

Introdução

É dever da família, do Estado e da Sociedade assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, os direitos fundamentais de qualquer cidadão, colocando-os a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (art. 227, Constituição Federal).

Consubstanciando isso, o Estatuto da Criança e do Adolescente assegura à criança e ao adolescente o direito de participar e de ter sua opinião considerada nos procedimentos que lhe dizem respeito. (art. 16, inciso II e art. 100, inciso XII do Estatuto da Criança e Adolescente). Mas o atendimento aos casos de medidas específicas de proteção à criança e ao adolescente devem ser realizadas de forma precoce, com intervenção mínima e visando à efetiva promoção dos direitos e proteção da população infanto-juvenil.

Portanto, há a necessidade de se viabilizar a produção de provas com maior fidedignidade e confiabilidade, sem que a busca pela verdade dos fatos e responsabilização do agressor se sobreponha ao direito da criança e do adolescente de serem preservados de qualquer forma de violência ou opressão, sendo crucial o aperfeiçoamento dos mecanismos de escuta especializada e depoimento especial, a fim de que os atos sejam realizados em condições dignas e adequadas, e por meio de profissionais capacitados e conscientes do seu papel na diminuição do dano e visando a não revitimização do envolvido.

Na Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017, que normatiza e organiza o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, o art. 7º aponta que a Escuta especializada é o procedimento de entrevista sobre situação de violência com criança ou adolescente perante órgão da rede de proteção, já demonstrando que este procedimento deve ser limitado ao relato estritamente ao necessário para o cumprimento de sua finalidade. Já o art. 8º da referida lei, dispõe que o Depoimento especial é o procedimento de oitiva de criança ou adolescente vítima ou testemunha de violência perante autoridade policial ou judiciária.

Fica explícita a finalidade da lei em resguardar a vítima, evitando o contato da criança ou adolescente com o suposto autor ou acusado ou com qualquer outra pessoa que possa lhe representar ameaça, coação ou constrangimento. Diante disso, há a escuta especializada que deverá ser realizada por um profissional especializado, e o depoimento especial, diretamente ao delegado ou juiz, mas em ambiente favorável à criança e ao adolescente, devidamente preparado para isso, na tentativa de suprimir a oitiva em salas comuns de delegacias e fóruns, devendo para isso haver infraestrutura para garantir o sigilo do ato.

O mais adequado conforme o art. 11 da referida lei, é a colheita do depoimento uma única vez, em produção antecipada de prova judicial, garantida a ampla defesa, sendo imposto o depoimento especial em produção antecipada de provas em duas situações: a) criança ou adolescente menor de 7 anos e b) casos de violência sexual.

A aplicação desse rito pressupõe o grau de entendimento e amadurecimento da criança ou do adolescente, levando em consideração a idade e capacidade cognitiva adequadas para cada idade.

Em um processo judicial em que há a necessidade da oitiva da criança e adolescentes, o parecer realizado pelo psicológico forense ou a percepção do juiz e promotoria dependem das respostas que lhe são apresentadas, é nesse ambiente que o estudo da falibilidade de memória e indução de resposta necessita de aprofundamento para definir e determinar, em especial nas crianças, qual é a porcentagem de indução de diferentes atores de sua vida, que possa resultar em respostas diversas, em especial considerar sua idade.

Nesse íterim, o estudo da sugestionabilidade e indução de respostas das crianças auxiliam os profissionais para ter o devido preparo e entendimento científico sobre a tratativa nos casos de depoimento especial e escuta especializada.

A idade como fator de sugestionabilidade

A sugestionabilidade consiste na tendência de um indivíduo em incorporar informações distorcidas, oriundas de fontes externas, às suas recordações pessoais aos seus relatos, sendo que essas informações podem ser apresentadas de forma intencional ou acidental. (Schacter, 1999).

De acordo com Weingartner, C., Feix, L., (2010) é possível identificar dois fatores primários que influenciam a sugestionabilidade infantil são classificados em

duas grandes categorias: a) fatores relacionados às características das próprias crianças (fatores cognitivos); b) fatores relacionados ao contexto da entrevista (ou fatores sociais) (Ceci, Bruck e Battin, 2000; Ceci et al., 1998; Melnyk, Crossman e Scullin, 2007). A sugestionabilidade da memória das crianças é resultado da interação desses fatores (Ceci et al., 2007).

Goodman, G. S., e Clarke-Stewart, A. (1991), já apontavam a dificuldade quanto obter um depoimento de crianças, com cuidado de usar perguntas que possam sugerir as respostas, destacando a conduta do interrogador que pode influenciar em como as crianças interpretam as perguntas ou são direcionadas a algum resultado. Os autores concluem que as crianças mais novas, bem como a repetição de certas frases sugestionáveis, inclusive por outros interrogadores podem influenciar na sugestionabilidade da criança. Além disso, destaca também que a grande demora em obter tal depoimento pode influenciar na sugestão, essa conclusão em específico pode ser devidamente aplicada no ambiente forense brasileiro com a demora recorrente que um processo possui para a escuta das crianças, seja em abuso sexual, seja em outros procedimentos de família que demandam a oitiva da criança.

Com as pesquisas empíricas mais recentes, apesar de haver diversos estudos que apontam não haver diferença no desempenho com o avançar da idade, como estudos que verificaram processos judiciais (Andrews, Lamb e Lyon 2014; Andrews, Lamb e Lyon, 2015; Andrews e Lamb 2017), ou no estudo que verificou um treinamento para falsas respostas (Fogliati e Bussey, 2015), ou a pesquisa para verificar o processamento de detalhes gerais e específicos (Brackmann, Otgaar, Sauerland e Howe, 2016), nos estudos que analisaram a desinformação (Otgaar, Howe, Brackmann e Smeets 2016; Otgaar, Howe, Brackmann e Helvoort 2017), ou ainda apontam que as crianças mais velhas foram mais induzidas como no estudo de esquecimento induzido por recuperação

(Bruer, Price e Phenix 2016), há muitos estudos que apontam haver diferença no desempenho com o avançar da idade.

Os estudos que apontaram haver melhor desempenho com o avançar da idade, há diversos fatores analisados além da idade, como no treinamento para falsas respostas em que Foster, Wyman, Tong, Colwell, & Talwar (2019) concluíram que as crianças foram significativamente menos propensas a mentir à medida que envelhecem, sendo que independentemente da condição, as crianças divulgavam antecipadamente sobre o roubo antes de serem perguntados diretamente aumentando à medida que sua idade elevava. Com relação a sugestionabilidade em entrevistas forenses, Volpini, Melis, Petralia, & Rosenberg (2016) apontaram que quanto mais jovens, as crianças são mais sugestionáveis que as mais velhas. Utilizando a entrevista cognitiva El Asam e Samara (2015) verificaram que as crianças mais velhas relataram detalhes mais corretos, além de serem mais precisas. A principal razão para as diferenças, segundo os autores, entre ambos os grupos etários podem ser atribuídos à capacidade linguístico-verbal, sendo que crianças mais novas mostraram maior nível de dificuldade em explicar o que testemunharam.

Já no formato das perguntas Mehrani e Peterson (2016) os resultados mostraram que crianças de diferentes idades são influenciadas de maneira diferente pela maneira como as perguntas são formuladas. Essa tendência, no entanto, aparentou ficar mais fraco à medida que a idade das crianças aumentam. Nas memórias falsas Caprin, Benedan, Ciaccia, Mazza, Messineo e Piuri (2016), demonstraram que tanto na recordação livre como na sugestionabilidade interrogativa as crianças mais velhas tiveram desempenho superior, sendo menos sugestionáveis que as crianças mais novas. Com base no teste de significado de palavras Kask, Ventsel e Toomela (2019), apontam que crianças mais velhas lembraram mais detalhes precisos em resposta à recordação

livre do que as crianças mais novas, de acordo com os autores que com o avançar da idade das crianças, elas possuem maior compreensão dos significados das palavras, possuindo um desenvolvimento do pensamento conceitual mais avançado.

Outro fator de análise é quanto a negligência, levando em consideração esse fator, ao analisar a sugestibilidade em crianças negligenciadas Benedana, Powell, Zajacc, Lumd e Snowe (2018) verificaram que as crianças mais velhas apresentaram melhor desempenho de recordação livre do que as crianças mais novas, e com relação à sugestibilidade as crianças mais novas foram mais sugestíveis que as crianças mais velhas.

Verificando a sugestibilidade infantil, mais similar ao objeto desse estudo, Saraiva e Albuquerque (2015) as crianças mais novas foram as mais sugestíveis, fenômeno que parece estar associado ao elevado grau de desejabilidade social das suas respostas. Na mesma linha de verificação da sugestibilidade infantil, Paz-Alonso e Goodman (2016), apontaram que em comparação com crianças de 8 a 9 anos, crianças de 10 a 12 anos exibiram menos maleabilidade de memória e menos adesão a informações falsas.

Dessa forma, com esses estudos sobre a memória e sugestibilidade, esse artigo procura-se contribuir para o estudo da sugestibilidade, em especial comparando o desempenho com a idade como variável.

Método

Participantes

Participaram do estudo 152 crianças e adolescentes, de 6 a 15 anos, os participantes foram divididos em quatro grupos, sendo 20 alunos no primeiro grupo (de 6 e 7 anos), 16 alunos no segundo grupo (de 8 e 9 anos de idade), o terceiro grupo de 42

alunos (de 10 e 11 anos) e o último grupo, aqui denominado adolescentes, sendo 74 alunos (12 à 15 anos de idade). Separando os grupos em crianças e adolescentes, há o grupo das crianças, com 78 alunos com idade de 6 à 11 anos e dos adolescentes sendo 74 alunos (12 à 15 anos de idade). O procedimento foi realizado em duas escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, localizadas na região metropolitana de Curitiba, cidade de Colombo.

Instrumentos

Metade dos alunos de cada grupo respondeu um questionário com 5 perguntas, amplas e sem informações induzidas (anexo A) e outra metade respondeu outro questionário com 5 perguntas induzidas (anexo B), podendo induzir o que os participantes visualizaram em relatos errôneos.

Ambos questionários avaliam o mesmo item com perguntas correspondentes, sendo que o considerado adequado possui uma primeira pergunta ampla apenas para descrição do aluno, e o segundo inadequado possui a primeira questão apenas com uma introdução já induzindo o aluno.

Além das perguntas objetivas sobre o visualizado, foi questionado também a certeza das respostas, elencando de 1 a 5, sendo (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da minha resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

Procedimento

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE: 20423019.8.0000.8040). Os responsáveis pelos participantes que concordaram em autorizar e participar do procedimento assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE para os

responsáveis das crianças e adolescentes, bem como Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

Com a resposta de ambas autorizações, a coordenação de cada escola cedeu aulas para realização do procedimento. O estudo foi apresentado aos estudantes que foram autorizados como um exercício de memória, após à introdução foi exibido uma cena de desenho animado a todos da mesma turma, intitulada como Limpeza de Urso, do desenho animado Ursos Sem Curso, sendo um episódio curto de 1 minuto e 30 segundos, no qual há três ursos distintos, sendo que um deles está jogando videogame, sem prestar atenção no seu envolvimento, enquanto um deles visualiza a jogatina, o terceiro urso começa a limpar o chão com um aspirador de pó, só que sem querer acaba aspirando um pouco de pelo do urso que está jogando videogame. Como o mesmo está muito entretido com o videogame não percebe sobre o ocorrido. Cabe destacar que o desenho não possui palavreado inadequado, qualquer agressão, susto, animais asquerosos, tendo sua classificação livre para qualquer idade.

A exibição do desenho foi em grupo para cada turma na sala de aula, em ambas as instituições, posteriormente à exibição, cada um dos alunos de maneira individual se retirou da sala e respondeu ao um dos questionários, cada metade de turma respondeu a um questionário (Anexo A) e a outra metade o outro questionário (Anexo B), sendo essa escolha aleatória. Ou seja, a exibição do desenho foi coletiva, mas a aplicação dos questionários foi individual, sendo que na aplicação dos questionários, primeiramente o pesquisador apresentou-se, apontou que não havia resposta correta ou errada, e foi feita a leitura de cada uma das perguntas para a criança/adolescente, se houvesse dúvida o pesquisador faria novamente a leitura da pergunta.

Análise de dados

Para a análise de dados foi utilizado o software *Jamovi* versão 1.2 aplicando One-Way Anova (Non-parametric). Os dados coletados foram separados em respostas corretas e incorretas (sugestionadas), separando as idades bem como os questionários aplicados como variáveis de agrupamento, e comparando com as respostas como variáveis dependentes. A primeira questão de cada questionário não foi avaliada por se tratar apenas de uma introdução.

Resultados

Os dados coletados foram separados em respostas corretas e incorretas (sugestionadas), além de elencar de 1 a 5 a resposta de certeza, separando as idades bem como os questionários aplicados como variáveis de agrupamento, e comparando com as respostas como variáveis dependentes. Utilizando o software *Jamovi* versão 1.2, analisando os dados descritivos, verificando a comparação dos questionários aplicados, as perguntas 4 e 5, bem como as respostas de certezas de ambas apresentaram resultados menores de p 0,05, demonstrando que nesses casos houve diferença significativa.

Tabela Resultados

One-Way ANOVA (Non-parametric)- Kruskal-Wallis

	χ^2	DF	p
Pergunta 2	0.9487	1	0.330
Pergunta 2 certeza	0.2109	1	0.646
Pergunta 3	0.2082	1	0.648
Pergunta 3 certeza	2.4137	1	0.120
Pergunta 4	68.7244	1	< .001
Pergunta 4 certeza	9.7177	1	0.002
Pergunta 5	54.6979	1	< .001

Pergunta 5 certeza	16.7793	1	< .001
Pergunta 6	0.0684	1	0.794
Pergunta 6 certeza	1.2017	1	0.273

Analisando as perguntas que apresentaram diferenças significativas, verificando as respostas incorretas, portanto, sugestionadas pelo segundo questionário, na pergunta 4, a idade 1 errou 35% (n=20), a idade 2 errou 37,5% (n=16), a idade 3 errou 47% (n=42), e a idade 4 errou 24,3% (n=74), já na pergunta 5 a idade 1 errou 25%, a idade 2 errou 18%, a idade 3 errou 26% e a idade 4 errou 31%.

Comparando os resultados entre Crianças e Adolescentes, os resultados apresentam que na pergunta 4, as crianças erraram 42% (n=78), e os adolescentes erraram 24% (n=74), já na pergunta 5 as crianças erraram 24% e os adolescentes erraram 31%. Ou seja, é possível afirmar que na pergunta 4 houve aumento de acertos com o avançar da idade, contudo na pergunta 5 o fenômeno ocorreu o contrário.

Já com relação a certeza das respostas, na pergunta 4, os alunos que responderam ao questionário 2 (sugestionado), a idade 1 demonstrou muita certeza apenas 10%, enquanto que a idade 2 18%, idade 3 21%, e idade 4 23%, comparando crianças com adolescentes, as crianças que tiveram muita certeza das respostas 17% e os adolescentes 22%.

Na pergunta 5, os alunos que responderam ao questionário 2 (sugestionado), a idade 1 demonstrou muita certeza apenas 35%, enquanto que a idade 2 25%, idade 3 40%, e idade 4 29%, comparando crianças com adolescentes, as crianças que tiveram muita certeza das respostas 35% e os adolescentes 29%. Ou seja, com relação a certeza, o mesmo fenômeno ocorreu nas respostas das perguntas, os adolescentes demonstraram haver mais certeza de como estavam respondendo na pergunta 4, já na pergunta 5 o fenômeno ocorreu o contrário.

Discussão

Analisando os resultados, levando em consideração que no questionário 2 a resposta da pergunta 5 possui conexão com a resposta da pergunta 4, sendo que se o participante respondesse corretamente a pergunta 4 (Qual urso apresentou comportamento agressivo?), a pergunta 5 (Esse urso machucou algum outro?) colocaria em dúvida sua resposta anterior, o que resultaria em induzimento para uma resposta incorreta. Dessa forma, os resultados da certeza da questão 5 apontou que os adolescentes tiveram menos certeza de sua resposta exatamente por terem maior acerto na questão 4, sendo possível afirmar que as crianças foram mais sugestionadas que os adolescentes pois houve desempenho inferior das crianças na pergunta 4. Esses resultados estão em consonância com a maioria dos estudos de sugestionabilidade e memória.

Essa diminuição da sugestionabilidade associada ao aumento da idade parece estar relacionada com a melhoria da capacidade geral de recordação das crianças. Ao fazerem relatos cada vez mais detalhados das suas memórias episódicas as crianças aumentam os níveis de certeza e de confiança para estas memórias, diminuindo assim a sua vulnerabilidade à sugestão por terceiros (Saraiva, M. & Albuquerque, P. B. 2015)

Nos estudos mais recentes que apontaram haver melhor desempenho com o avançar da idade, há diversos fatores analisados além da idade como já apontado no texto, como no treinamento para falsas respostas em que Foster, Wyman, Tong, Colwell, & Talwar (2019) concluíram que as crianças foram significativamente menos propensas a mentir à medida que envelhecem, sendo que independentemente da condição, as crianças divulgavam antecipadamente sobre o roubo antes de serem perguntados diretamente aumentando à medida que sua idade elevava. Os autores apontam que o conhecimento e fluência verbal das crianças influenciam suas

habilidades para produzir efetivamente e manter um relato errôneo. Portanto, como as crianças crescem, suas habilidades cognitivas melhoram, permitindo que eles forneçam mais informações em seu testemunho, e mais consistentes histórias e para escolher melhor quando divulgar ou não divulgar informações. Isso é perceptível nesse presente estudo, pois as habilidades de compreensão influenciaram nas respostas das crianças.

Com relação a sugestionabilidade em entrevistas forenses, Volpini, Melis, Petralia, & Rosenberg (2016) apontaram que quanto mais jovens, as crianças são mais sugestionáveis que as mais velhas. Atribuem isso a quanto mais jovem a criança, mais ela apresenta um viés de aquiescência, então é mais provável que eles concordem com todas as perguntas apresentadas por um adulto. As crianças responderão de maneira afirmativa, assim, afirmando uma das duas alternativas fornecidas, nas questões que houverem alternativas. A sugestionabilidade está mais relacionada à aquiescência, enquanto a conformidade está mais intimamente relacionada à habilidade. Cumpre destacar que Goodman, G. S., e Clarke-Stewart, A. (1991), já apontavam a dificuldade quanto obter um depoimento de crianças, com cuidado de usar perguntas que possam sugerir as respostas, destacando a conduta do interrogador que pode influenciar em como as crianças interpretam as perguntas ou são direcionadas a algum resultado. Além disso, a grande demora em obter tal depoimento pode influenciar na sugestão, essa conclusão em específico pode ser devidamente aplicada no ambiente forense brasileiro com a demora recorrente que um processo possui para a escuta das crianças, seja em abuso sexual, seja em outros procedimentos de família que demandam a oitiva da criança.

Utilizando a entrevista cognitiva El Asam e Samara (2015) verificaram que as crianças mais velhas relataram detalhes mais corretos, além de serem mais precisas. A principal razão para as diferenças, segundo os autores, entre ambos os grupos etários

podem ser atribuídos à capacidade linguístico-verbal, sendo que crianças mais novas mostraram maior nível de dificuldade em explicar o que testemunharam, necessitando que os pesquisadores ajudassem para a compreensão. Essa percepção de desenvolvimento linguístico pode ser aplicado no presente estudo, pois a compreensão da pergunta, principalmente a intenção ou não da ação depende de um desenvolvimento de compreensão linguística das crianças. Nessa mesma linha quando são utilizadas as questões de escolha forçada Mehrani e Peterson (2015) verificou-se que as respostas das crianças pré-escolares foram influenciadas pela maneira como as perguntas são formuladas e pela maneira que as perguntas são arranjadas. Nas perguntas testadas neste estudo, crianças pequenas demonstraram tendência em suas respostas e pareciam ser altamente suscetível a pequenas alterações na estrutura das perguntas. O mesmo é verificado no formato das perguntas Mehrani e Peterson (2016) em que os resultados mostraram que crianças de diferentes idades são influenciadas de maneira diferente pela maneira como as perguntas são formuladas. Os resultados também sugerem que as crianças mostram uma tendência a responder a perguntas sim - não na direção implícita na pergunta: "sim" para perguntas com palavras positivas e "não" para perguntas com palavras negativas. Essa tendência, no entanto, aparentou ficar mais fraco à medida que a idade das crianças aumenta o que foi verificado também no presente estudo.

No estudo de Roberts, Brubacher, Drohan-Jennings, Glisic, Powell & Friedman (2015) as crianças mais velhas eram mais capazes que as mais jovens para julgarem a ordem relativa e a posição temporal das quatro ocorrências. As crianças mais velhas também demonstraram uma melhora temporal na memória da primeira e da última ocorrência, enquanto as crianças mais novas o fizeram apenas para a primeira, demonstrando melhor capacidade de memória de acordo com os autores. Nessa linha de avaliação de memórias Caprin, Benedan, Ciaccia, Mazza, Messineo e Piuri (2016),

apontaram que tanto na recordação livre como na sugestionabilidade interrogativa as crianças mais velhas tiveram desempenho superior, sendo menos sugestionáveis que as crianças mais novas, apontando esses resultados em decorrência da capacidade de memorização rápida e capacidade de resolver fluentemente as problemáticas impostas. Da mesma forma, verificando a recordação de um evento repetido Hubbard, Saykaly, Lee, Lindsay, Bala & Talwar (2016), realizaram uma análise da precisão da recordação de crianças em um evento repetido em várias entrevistas. As crianças mais velhas foram mais precisas na sua lembrança do que as crianças mais jovens. Com relação a esse fator de memória, os resultados e procedimentos do presente estudo demonstraram que não se tratava da memória imediata, apesar das respostas mais tardias apresentarem as diferenças das respostas, mas a diferença do desempenho parece estar mais associada a percepção e capacidade de expressão das crianças.

Verificando a Sugestionabilidade infantil Saraiva e Albuquerque (2015) as crianças mais novas foram as mais sugestionáveis, fenômeno que parece estar associado ao elevado grau de desejabilidade social das suas respostas. Relativamente à memória fonológica, verificou-se que a sua menor amplitude esteve também relacionada com maior sugestionabilidade infantil. Sugere-se que as variáveis memórias e desejabilidade social sejam cuidadosamente consideradas no momento de obtenção do testemunho de crianças. Na mesma linha de verificação da sugestionabilidade infantil, Paz-Alonso e Goodman (2016), em comparação com crianças de 8 a 9 anos, crianças de 10 a 12 anos exibiram menos maleabilidade de memória e menos adesão a informações falsas. O mesmo resultado foi verificado ao analisar a sugestionabilidade em crianças negligenciadas Benedana, Powell, Zajacc, Lumd e Snowe (2018) que novamente apontaram que as crianças mais velhas apresentaram melhor desempenho de recordação livre do que as crianças mais novas, e com relação à sugestionabilidade as crianças mais

novas foram mais sugestionáveis que as crianças mais velhas, resultados que consubstanciam esse estudo e possuem os mesmos fundamentos.

Verificando o reforço positivo e negativo nas respostas Cleveland, Quas e Lyon (2016) após o reforço ou feedback, as crianças mais novas apresentaram desempenho semelhante para detalhes positivos e negativos. Com o avançar da idade, a resistência a sugestões de resultados negativos e os detalhes surgiram primeiro, seguidos pela resistência a sugestões sobre detalhes positivos. Através da idade, mais feedback negativo era necessário para induzir a aquiescência a detalhes falsos negativos do que positivos. Os resultados destacam a interatividade efeitos da valência e da idade da criança no desempenho de suas testemunhas oculares em contextos sugestivos. Já com relação as informações sociais e pessoais Córdon, Silberkleit e Goodman (2016) apontaram também que as crianças mais velhas (vs. mais jovens) forneceram uma proporção mais alta de informações e uma proporção menor de informações incorretas. Em resposta a perguntas fechadas em geral, bem como especificamente a questões fechadas relacionadas ao estereótipo, as crianças mais velhas cometeram uma proporção menor de erros do que as crianças mais novas. Isso demonstra que tanto nos casos em que há reforço, tanto positivo como negativo e a verificação da percepção das características pessoais e sociais há incremento da sugestionabilidade, apontando novamente que na sua oitiva deve haver cuidado com os reforços, mesmo que de maneira velada e cuidado com pré definições sociais e pessoais nas afirmações almeçadas das crianças, algo que ocorreu nesse presente estudo, que incute aos participantes a verificação de intenção de dano.

Com a contribuição dos processos de monitoramento Tempel, Frings e Mecklenbräuker (2015) apontam que apresentar lista três vezes em comparação com apenas uma vez aumentou o número de falsos relatos em crianças do jardim de infância

e no ensino fundamental. Também verificaram com relação aos alunos que respondem sob pressão de tempo, que houve redução de falsos relatos em alunos do ensino fundamental que respondem sem pressão do tempo. Com o instrumento de perguntas curtas Behzadnia e Mehrani (2017) demonstraram que as crianças exibem um forte viés em resposta a perguntas curtas, no entanto, o viés das crianças diminuíram com o aumento da idade. Além disso, o viés das crianças era mais pronunciado ao responder perguntas sobre objetos familiares. Os resultados de acordo com os autores sugerem que as perguntas curtas e diretas carregam carga sugestiva e podem influenciar nas respostas das crianças, especialmente as mais jovens. Com base no teste de significado de palavras, o estudo de Kask, Ventsel e Toomela (2019) apontou que crianças mais velhas lembraram mais detalhes precisos em resposta à recordação livre do que as crianças mais novas, de acordo com os autores que com o avançar da idade as crianças, elas possuem maior compreensão dos significados das palavras, possuindo um desenvolvimento do pensamento conceitual mais avançado. Nos três estudos os resultados apontam para um melhor desenvolvimento seja no conhecimento das palavras, seja na sugestão em sim e não com perguntas curtas ou na repetição do que é apresentado, o que está associado com o desenvolvimento seja cognitivo, seja social e fonético.

Utilizando como base a teoria do apego Chae, Goodman, Troxel, McWilliams, Thompson, Shaver e Widaman (2018) realizaram um estudo que testou previsões da teoria de apego de Bowlby sobre a memória e sugestionabilidade das crianças. Para as crianças que apresentaram baixa angústia durante o procedimento de situação estranha, os resultados apontaram diferenças significativas de idade na memória e sugestionabilidade. No entanto, para crianças que apresentaram maior sofrimento durante o procedimento de situação estranha, os resultados foram equivalentes. Os

resultados sugerem que a teoria do apego fornece uma estrutura importante para entender as facetas do desenvolvimento da memória com relação a informações relacionadas ao anexo e que a angústia pode alterar padrões de idade assumidos no desenvolvimento da memória. Com relação as emoções e sua influência nas memórias Melinder, Toffalinib, Geccherlea e Cornoldib (2017) de maneira semelhante a estes resultados, apontaram que com relação às pontuações de acertos, houve um aumento significativo de 6 a 7 para 8 a 9 anos de idade, mas não um aumento adicional de 8 a 9 para 10 a 12 anos de idade. Os autores apontam tais diferenças para a diferença de desenvolvimento entre as idades.

Dessa forma, os resultados do presente estudo estão em consonância com a maioria das pesquisas empíricas mais recentes que buscaram verificar o desempenho das crianças e comparar com diferentes idades, o que parece estar relacionado em todos eles com o desenvolvimento das crianças. Os fundamentos para tal diferenciação são diversos, mas o que mais se aproxima com os resultados dessa pesquisa é com relação ao desenvolvimento cognitivo e de compreensão das palavras e perguntas que são apresentadas as crianças.

Conclusão

O presente estudo buscou verificar se a idade das crianças influência no desempenho das respostas a partir de um questionário sugestionado. Os resultados apontaram que com ascensão da idade há diminuição nos erros das respostas. É possível afirmar então que as crianças são mais sugestionáveis que os adolescentes, demonstrando a necessidade do cuidado na oitiva das crianças, especialmente com idade inferior a 10 anos. Em especial, deve haver cuidado com as palavras e perguntas usadas, pois quanto menor a idade da criança, menor desenvolvimento de palavras e

compreensão de sentidos, além do desenvolvimento cognitivo. Essa indução nas respostas pode ocorrer por diversos fatores. O primeiro fator a destacar é a limitação linguística e de contexto, onde a obtenção da resposta sobre algo perguntado necessita de adaptação para maior compreensão da criança, inclusive de idade similares, pois cada uma possui habilidades diferentes e pode estar em uma fase diferente de aprendizagem e aquisição cultural. Outro fator, assim como já destacava Goodman, G. S., e Clarke-Stewart, A. (1991), é quanto ao entrevistador, como ele se porta, como ele insiste nas perguntas, qual ênfase linguística e corporal apresenta.

Todas essas considerações devem ter a relevância e conhecimento por parte dos juízes, promotores e defensores para que adaptem e solicitem profissionais realmente capacitados para auxiliar na resolução e esclarecimentos nos litígios judiciais, visando sempre o melhor interesse da criança.

Obviamente todo estudo possui suas limitações. No presente trabalho, não foi considerado a diferença de tempo entre os primeiros entrevistados e os últimos da mesma turma para verificar se foi uma variável interveniente. Outra limitação foi a apresentação do vídeo de maneira coletiva, o que poderia ter influenciar no que cada criança e adolescente teve como percepção. A maior limitação, até por motivos éticos metodológicos, é a generalização das conclusões e implicações do presente trabalho, aplicando conclusões de um estudo realizado em um ambiente com estressor mínimo e controlado, o que não refletiria na realidade forense onde pode haver agressão seja física, verbal ou psicológica e ainda alienação parental.

Sugestões para trabalhos futuros com o mesmo tema consistiriam em fazer aplicação do procedimento após um período que seja condizente com a demora em coletar uma oitiva, verificando se o prolongamento possa influenciar na sugestão da resposta, comparando com um grupo que responda de maneira mais imediata

verificando se a idade também influencia nos resultados. Outra sugestão seria a participação dos pais ou responsáveis no procedimento, sendo esses colocados como entrevistadores ou como co-espectadores para verificar a consequência na sugestão das respostas.

Referências

- Andrews, S. & Lamb, M. (2017). The structural linguistic complexity of lawyers' questions and children's responses in Scottish criminal courts. *Child abuse & neglect*. 65. 182-193. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.01.022.
- Andrews, S., Lamb, M. & Lyon, T. (2014). Question Types, Responsiveness and Self-contradictions When Prosecutors and Defense Attorneys Question Alleged Victims of Child Sexual Abuse. *Applied Cognitive Psychology*. 29. doi: 10.1002/acp.3103.
- Andrews, S., Lamb, M. & Lyon, T. (2015). The Effects of Question Repetition on Responses When Prosecutors and Defense Attorneys Question Children Alleging Sexual Abuse in Court. *Law and human behavior*. doi: 39. 10.1037/lhb0000152.
- Behzadnia, A. & Mehrani, M. B., (2018) Young children's yes bias in response to tag questions. *Early Child Development and Care*, 188:12, 1665-1674, doi: 10.1080/03004430.2016.1278216.
- Benedan, L., Powell, M., Zajac, R., Lum, J., & Snow, P. (2018). Suggestibility in neglected children: The influence of intelligence, language, and social skills. *Child abuse & neglect*. 79. 51-60. doi: 10.1016/j.chiabu.2018.01.005.
- Brackmann, N., Otgaar, H., Sauerland, M., and Howe, M. L. (2016) The Impact of Testing on the Formation of Children's and Adults' False Memories. *Appl. Cognit. Psychol.*, 30: 785– 794. doi: 10.1002/acp.3254.

- Bruer, K. C., Price, H. L., and Phenix, T. L. (2016) The 'Magical' Effect of Integration on Event Memory. *Appl. Cognit. Psychol.*, 30: 591– 599. doi: 10.1002/acp.3232.
- Weingartner, C., Feix, L., (2010). Falsas memórias, sugestibilidade e testemunho infantil. In *Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas* / Lilian Milnitsky Stein ... [et a]- Porto Alegre : Artmed, 2010.
- Caprin, C., Benedan, L., Ciaccia, D., Eleonora Mazza, Sara Messineo & Elisa Piuri (2016) True and false memories in middle childhood: the relationship with cognitive functioning. *Psychology, Crime & Law*, 22:5, 473-494, doi: 10.1080/1068316X.2016.1168420.
- Chae, Y., Goodman, M., Goodman, G., Troxel, N., McWilliams, K., Thompson, R., Shaver, P., & Widaman, K. (2017). How children remember the Strange Situation: The role of attachment. *Journal of experimental child psychology*. 166. 360-379. doi: 10.1016/j.jecp.2017.09.001.
- Cleveland, K.C., Quas, J.A., & Lyon, T.D. (2016). Valence, Implicated Actor, and Children's Acquiescence to False Suggestions. *Journal of applied developmental psychology*. 43, 1-7. doi: 10.1016/j.appdev.2015.12.003.
- Ceci, S. J., Bruck, M., & Battin, D. B. (2000). The suggestibility of children's testimony. In D. F. Bjorklund (Ed.), *False-memory creation in children and adults: Theory, research, and implications* (pp. 169-202). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Ceci, S., Crossman, A. M., Gilstrap, L. L., & Scullin, M. H. (1998). Social and cognitive factors in children's testimony. In C. R Thompson, D. J. Herrmann, J. D. Read, D. Bruce, D. G. Payne & M. R Togli. *Eyewitness memory: Theoretical and applied perspective* (pp. 15-30). Mahwah: Lawrence Erlbaum.

- Ceci, S. J., Kulkofsky, S., Klemfuss, J. Z., Sweeney, C. D., & Bruck, M. (2007). Unwarranted assumptions about children's testimonial accuracy. *Annual Review Clinical Psychology*, 3, 311-328.
- Cordon, I.M., Silberkleit, G., & Goodman, G.S. (2016). Getting to Know You: Familiarity, Stereotypes, and Children's Eyewitness Memory. *Behavioral sciences & the law*, 34 1, 74-94. doi: 10.1002/bsl.2233.
- El Asam, A. e Samara, M. (2015). The Cognitive Interview: Improving Recall and Reducing Misinformation Among Arab Children. *Journal of Forensic Psychology Practice*, 15:5, 449-477, doi: 10.1080/15228932.2015.1099350.
- Fogliati, R., & Bussey, K. (2015). The effects of cross-examination on children's coached reports. *Psychology, Public Policy, and Law*, 21(1), 10-23. doi: 10.1037/law0000036
- Foster, I., Wyman, J., Tong, D., Colwell, K., & Talwar, V. (2019). Does eyewitness and interviewer gender influence children's reports? An experimental analysis of eyewitness and interviewer gender on children's testimony. *Psychiatry, Psychology and Law*, 26:4, 499-519, doi: 10.1080/13218719.2018.1507844.
- Goodman, G. S., & Clarke-Stewart, A. (1991). Suggestibility in children's testimony: Implications for sexual abuse investigations. In J. Doris (Ed.), *The suggestibility of children's recollections* (p. 92–105). American Psychological Association, doi: 10.1037/10097-006
- Gudjonsson, Gisli & Vagni, Monia & Maiorano, Tiziana & Pajardi, Daniela. (2016). Age and memory related changes in children's immediate and delayed suggestibility using the Gudjonsson Suggestibility Scale. *Personality and Individual Differences*. 102. 25-29. doi: 10.1016/j.paid.2016.06.029.

- Hubbard, K., Saykaly, C., Lee, K., Lindsay, R. & Talwar, V. (2016). Children's Recall Accuracy for Repeated Events over Multiple Interviews: Comparing Information Types. *Psychiatry, Psychology and Law*. 1-14. doi: 10.1080/13218719.2016.1256015.
- Kask, K., Ventsel, R.-H., Toomela, A. (2019). The relationship between the development of conceptual thinking and children's responses to different question types. *Nordic Psychology*, 71 (4), 235–248. doi: 10.1080/19012276.2019.1586572.
- Mehrani, M. B., e Peterson, C. (2015), Recency Tendency: Responses to Forced- Choice Questions. *Appl. Cognit. Psychol.*, 29, 418– 424. doi: 10.1002/acp.3119.
- Mehrani, M., & Peterson, C. (2016). Interviewing Preschoolers: Response Biases to Yes–No Questions. *Applied Cognitive Psychology*. 31. doi: 10.1002/acp.3305.
- Melnick, L., Crossman, A. M., & Scullin, M H. (2007). The suggestibility of children's memory. In M. R Toglia, J. D. Read, D. F. Ross & R. C. L. Lindsay (Eds.), *Handbook of eyewitness psychology: Vol. 1: Memory for events* (pp. 401-427). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Melinder, A., Toffalini, E., Geccherle, E., & Cornoldi, C. (2017) Positive events protect children from causal false memories for scripted events. *Memory*, 25:10, 1366-1374, doi: 10.1080/09658211.2017.1306080
- Moore, K.N., Lampinen, J.M., Gallo, D.A., Adams, E.J. and Bridges, A.J. (2018), Children's Use of Memory Editing Strategies to Reject Source Misinformation. *Child Dev*, 89: 219-234. doi:10.1111/cdev.12716.
- Nida, R. E. (2018). Eyewitness Memory in African American Children From Low-Income Families. *Merrill-Palmer Quarterly*, 64(4), Article 3. doi: 10.13110/merrpalmquar1982.64.4.0483.

- Otgaar, H., Howe, M. L., Brackmann, N., & Smeets, T. (2016). The malleability of developmental trends in neutral and negative memory illusions. *Journal of Experimental Psychology: General*, 145(1), 31-55. doi: 10.1037/xge0000127.
- Otgaar, H., Howe, M., Brackmann, N., & van Helvoort, D. (2017). Eliminating Age Differences in Children's and Adults' Suggestibility and Memory Conformity Effects. *Developmental psychology*. 53. doi: 10.1037/dev0000298.
- Paz-Alonso, P., & Goodman, G. (2016). Developmental Differences across Middle Childhood in Memory and Suggestibility for Negative and Positive Events: Memory and suggestibility in middle childhood. *Behavioral Sciences & the Law*. 34. 30-54. doi: 10.1002/bsl.2239.
- Roberts, K. P., Brubacher, S. P., Drohan, Jennings, D., Glisic, U., Powell, M. B., and Friedman, W. J. (2015), Developmental Differences in the Ability to Provide Temporal Information About Repeated Events. *Appl. Cognit. Psychol.*, 29, 407–417. doi: 10.1002/acp.3118.
- Saraiva, M. & Albuquerque, P. B. (2015). Influência da Idade, Desejabilidade Social e Memória na Sugestionabilidade Infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 356-364. doi: 10.1590/1678-7153.201528216.
- Schacter, D. L. (1999). The seven sins of memory: Insights from psychology and cognitive neuroscience. *American Psychologist*, 54(3), 182-203.
- Tempel, T., Frings, C., e Mecklenbräuker, S. (2015). Dual processes of false recognition in kindergarten children and elementary school pupils. *Journal of experimental child psychology*, 138, 135-42. doi: 10.1016/j.jecp.2015.05.004.
- Volpini, L., Melis, M., Petralia, S., & Rosenberg, M. (2016). Measuring Children's Suggestibility in Forensic Interviews. *Journal of Forensic Sciences*. doi: 61. 104-108. 10.1111/1556-4029.12987.

Anexo A

QUESTIONÁRIO 1

NOME DO ALUNO: _____

IDADE: _____

TURMA/ESCOLA: _____

1- Descreva a cena que você acabou de ver.

2- Quantos animais aparecem na cena?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

3- Qual é o objeto usado para limpeza?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

4- O que o urso marrom fez na cena?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

5- Algum urso perdeu pelo?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

6- Se sim, foi intencional?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

QUESTIONÁRIO 2

NOME DO ALUNO: _____

IDADE: _____

TURMA/ESCOLA: _____

1- Introdução: Levando em consideração que a cena apresentada há possivelmente alguns animais, e que algum deles teve algum dano, responda as seguintes perguntas:

2- Contando os ursos e os outros animais que apareceram, são quantos animais na cena?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

3- Quantos objetos são usados para limpar?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

4- Qual urso apresentou comportamento agressivo?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

5- Esse urso machucou algum outro?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.

6- Ele teve a intenção?

De 1 a 5 quanto a certeza da sua resposta, sendo 1 muito baixa certeza e 5 completa certeza, como você classificaria? (1) = muito pouca certeza da minha resposta, (2) = pouca certeza da resposta, (3) = certeza média em minha resposta, (4) = tenho quase certeza da minha resposta, (5) = tenho certeza da minha resposta.